



## ALF. CASTRO

Alfredo (Alf.) de Miranda Castro nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 30 de novembro de 1873 e faleceu em Fortaleza no dia 1º de abril de 1926, aos 53 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1895, foi juiz de Direito em Aracati e Fortaleza e procurador da República no estado do Ceará.

Foi poeta, com excelente educação literária. Sânzio de Azevedo assim se referiu sobre ele: "A importância de Alf. Castro reside não somente na qualidade de sua poesia, mas também e principalmente no fato de situar-se no mais genuíno e puro Parnasianismo, no sentido francês do termo, o que é raro na literatura nacional". Foi elegante conferencista, cronista e crítico, publicando seus trabalhos no jornal *A República*. Obras: *De sonho em sonho*, 1906; *O poeta e a poesia* (conferência), 1913; e o livro póstumo *Ocaso em fogo*, Edições UFC, em 1999, com organização e introdução de Sânzio de Azevedo.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922, no período da primeira reorganização. Ocupou a cadeira número 5, cujo patrono, na época, era Adolfo Caminha.

### A MORTE DE PÃ

*Estendido no chão, no mais denso e profundo  
Do bosque, dorme Pã. Dorme e fala. Delira.  
Deixai-o descansar, que o deus é moribundo.  
Vede-lhe a avena ali: por seu sopro suspira.*

*Mas encontram-no, acaso, as ninfas. Sobre o imundo  
Fauno, que as perseguia, elas todas, em ira,  
Com chufas e bastões lançam-se agora, a fundo,  
Até que o deus, gemendo e soluçando, expira.*

*Então, uma, sem dó, os chavelhos lhe arranca;  
Outra os olhos lhe espeta; outra lhe rasga a boca;  
Outra, com a própria avena, o pé de cabra espanca.*

*Depois, dando-se as mãos, ébrias do mesmo gozo,  
O bosque inteiro atroando, em grita imensa e louca,  
Dançam em derredor do sátiro asqueroso.*

## O BEIJO DE DOR

(INSPIRADO NO QUADRO DE G. FERRIER)

*Ensangüentado e nu, Cristo, em terra deitado,  
Guarda mesmo a expressão de um deus humano e forte.  
Fronte pendida, boca aberta, olhar velado,  
Concentra todo o rosto o mistério da morte.*

*Maria, a excelsa Mãe, louca de dor, ao lado,  
- Desarvorada nau, sem governo, sem norte  
A cabeça lhe toma, e um grande e demorado  
Beijo, em pranto, lhe dá na face, com transporte.*

*Mas do ouvido de Cristo, inanimado e quedo,  
Tão próximo ela deu esse beijo tão doce  
Que parecia mais murmurar-lhe um segredo,*

*Um segredo de adeus, ensopado de pranto:  
- Não houve filho algum que tanto amado fosse!  
- Mãe não houve, como eu, que padecesse tanto!*

## A DANÇA DOS SETE VÉUS

*O tetarca pediu, disfarçando, de leve,  
Um desejo, com voz, de enternecida, rouca,  
Que Salomé, movendo o corpo airoso e breve,  
Dançasse. Estava triste, e era a graça bem pouca.*

*Envolta em sete véus alvíssimos, de neve,  
Ela, a judia, põe-se a dançar, como louca...  
E, a cada evolução que seu corpo descreve,  
Como uma estranha flor, dos seus véus se destouca.*

*Em meneios gentis, a princesa, que gira,  
Tira o primeiro véu, tira o segundo, tira  
O terceiro, e outro mais, mais outro, e outro ainda.*

*Quando o véu derradeiro ela, afinal, arranca,  
Estaca. Aos olhos reais Salomé, na mais franca  
Nudez mostra-se, então, provocadora e linda.*

FONTE: CASTRO, ALF. OCASO EM FOGO. ORG. SÂNZIO DE AZEVEDO. FORTALEZA: ED. UFC, 1999, P. 22, 33, 173.